

*Africa "Pré-Colonial"
e "Colonial":*

*choques religiosos e
suas influências nos trajes
desses períodos*

Fausto Viana®



Fausto Viana

África “Pré-Colonial” e “Colonial”:

choques religiosos e suas influências
nos trajes desses períodos

ISBN 978-85-7205-297-9

DOI 10.11606/9788572052979

ECA-USP

2024



ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



NÚCLEO DE PESQUISA
TRAJE DE CENA
INDUMENTÁRIA E TECNOLOGIA

Fausto Viana .© Universidade de São Paulo 2024.

Direção de arte e diagramação: Maria Eduarda Borges

Capa: Maria Eduarda Borges

Revisão: Marcia Moura

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

V614a

Viana, Fausto

África “pré-colonial” e “colonial” [recurso eletrônico] : choques religiosos e suas influências nos trajes desses períodos / Fausto Viana. – São Paulo : ECA/USP, 2024.

PDF (68 p.) : il. color.

ISBN 978-85-7205-297-9

DOI 10.11606/9788572052979

1. Vestuário – História – África. 2. Islamismo – Aspectos culturais - África. 3. I. Título.

CDD 21.ed. – 391.0096

Elaborado por: Lilian Viana - CRB-8/8308

Autorizo a reprodução parcial ou total desta obra, para fins acadêmicos, desde que citada a fonte, proibindo qualquer uso para fins comerciais.



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

Todos os esforços foram feitos para que nenhum direito autoral fosse violado no África “*Pré-Colonial*” e “*Colonial*”: *choques religiosos e suas influências nos trajes desses períodos*. As fontes citadas foram explicitadas no texto ou em notas de rodapé ou de fim, e as imagens foram pesquisadas para creditar seus autores. Porém nem sempre foi possível encontrá-los. Caso algum texto esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, entre em contato com Fausto Viana que teremos prazer em dar o devido crédito.

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior

Vice-reitor: Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Escola de Comunicações e Artes

Diretora: Profa. Dra. Brasilina Passarelli

Vice-diretor: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro

Avenida Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443

Cidade Universitária CEP-05508-020

***Quem conhece o ontem e o hoje
conhecerá o amanhã, porque
o fio do tear é o futuro,
o pano tecido é o presente,
o pano teco e dobrado é o passado***

Provérbio fulâni (In Lopes, 2022, p.15)

Introdução

Todos os temas propostos no programa deste concurso me pareceram interessantes e seria possível e agradável escrever sobre qualquer um deles, já que muitos trazem a prerrogativa de terem sido trabalhados por mim como autor em algum momento da minha (algo longa, mas longe de completa) trajetória acadêmica – e como é bom atestar que a passagem dos anos, minimamente no que se refere à bagagem cultural, é muito positiva.

A escolha pelo item 7 do Edital, *África Colonial: choques religiosos e suas influências nos trajés*, não foi obra do acaso nem o flerte – ligeiro, em função do tempo reduzido do exame –, do texto com o tema 8, *Espacialidades e visualidades em rituais e performances culturais no Brasil*.

Há duas questões relacionadas ao ponto 7 que gostaria de elucidar – a palavra “Colonial” e, além dela, a nomenclatura “África”. Esclareço antecipadamente que na elaboração do texto, de forma geral, busquei autores e pesquisadores africanos negros, em primeira instância; depois, africanos, destacando o fato.

Inicialmente, julgo ser importante citar Olúfémi Táiwò, nigeriano, negro e professor de Estudos Africanos no Centro de Estudos e pesquisas africanas da Universidade de Cornell, em Nova York. Táiwò é ferozmente¹ contra a definição de “pré-colonial”, em seu texto em que estabelece de forma bem direta, extensa e afirmativa, já no título, seu posicionamento: *Isso nunca existiu – A ideia de uma África “pré-colonial” é teoricamente vazia, racista e completamente errada sobre a história real do continente*. Ele complementa

1 Vale e muito a leitura completa do texto. Disponível em: <https://aeon.co/essays/the-idea-of-precolonial-africa-is-vacuous-and-wrong>. Acesso em: 28 ago. 2024.

que “quando ‘pré-colonial’ é usado para descrever ideias, processos, instituições e práticas africanas, ao longo do tempo, ele as deturpa”². Em primeiro lugar, questiona a qual outro continente a classificação simplista de pré-colonial, colonial e pós-colonial se aplica, que ele deliberadamente condena por reear que

venha de uma genealogia não tão gentil que sempre considera a África um lugar simples, homogênea seus povos e sua história, e trata suas políticas e pensamentos como se fossem descomplicados, cada um substituível pelo outro ao longo do tempo e do espaço. Uma vez que você pensa na “África” como um todo simples, torna-se mais fácil deturpar grosseiramente um continente inteiro no quadro temporal de “pré-colonial”.³

Táiwò afirma que uma África Pré-Colonial nunca existiu e que era uma invenção “da imaginação de acadêmicos, analistas, tipos políticos, para quem a África é um lugar homogêneo sobre o qual eles não precisam pensar muito, muito menos explicar ao público”, acrescentando ao registro que fora “Georg Wilhelm Friedrich Hegel, um filósofo racista, que argumentou na década de 1820 que a África era uma terra ‘fora do Tempo’ e não uma parte do movimento da ‘História’⁴, concluindo que seus antepassados intelectuais do século XIX lutaram contra essa falsa caracterização, esclarecendo que Hegel desejava dividir a África em “‘África propriamente dita’, ou ‘África Negra’ e ‘África europeia’ – para assim justificar que a África estava fora da história com a realidade inegável das realizações do antigo Egito”⁵.

Mas ele vai além – ele não quer restringir a definição de colonialismo apenas ao período em que os pensadores, notadamente brancos, convencionaram chamar de “período colonial africano”, como se o colonialismo tivesse sido trazido para a África pela Europa após a Conferência

2 Idem.

3 Idem.

4 Idem.

5 Idem.

de Berlim de 1884-1885⁶, porque “bastaria uma pausa para descobrir que isso é falso”⁷, ele diz, invocando impérios e reinos do passado africano que incorporaram elementos de colonização neles: “Se essa ideia for aceita, a África deve ter tido sua cota justa de colonizadores e colonialistas em sua história”⁸.

A preocupação de Táiwò certamente atingiria tempos anteriores até mesmo à nomeação do continente inteiro como “África”. Martin Meredith afirma que foram os romanos que tinham colônias no norte do continente africano que “chamaram uma de suas províncias costeiras de ‘África’, a partir de uma tribo berbere que vivia na região da Tunísia moderna e era conhecida como afri” (Meredith, 2017, p. 11). Isso por volta de 100 AEC. Mas uma onda de invasores árabes chegou no século VII e acabou por “suplantar as tribos autóctones da maior parte do Norte da África; eles usavam o termo árabe Ifriqiya (Ifríquia) para se referir à mesma região costeira” (idem). Foi apenas no século XV que os marinheiros europeus expandiram esta denominação local para todo o continente, dando início à exploração da costa atlântica da – agora sim – África.

Todas estas ligações com países hoje ditos europeus e asiáticos⁹ vêm de longa data e as rotas comerciais (e o comércio em si) seriam um tema perfeito para a análise dos trajés na massa continental que abrigava reinos e impérios e que seria batizada como África. Os trajés – e os tecidos e materiais que os compõem (conchas, palhas, cascas de árvore, sementes, entre outros) – são um reflexo do contato entre povos, etnias, nações.

6 “A Conferência de Berlim foi uma série de reuniões que tiveram início em 15 de novembro de 1884 e finalizaram em 26 de fevereiro de 1885, das quais participaram diversos países europeus, além dos Estados Unidos e do Império Turco-Otomano, e que definiram os rumos da colonização e exploração econômica da África (Meredith, 2017, p.403).

7 Idem.

8 Idem.

9 Do mesmo modo que na África, as nomenclaturas dos países europeus e asiáticos mudam ou são criadas ao longo dos tempos. A Alemanha, por exemplo, só recebeu este nome depois da sua unificação em 1871.

Justamente por isso não se tem aqui a pretensão purista de identificar um traje como *exclusivamente* africano – este traje pode, e muito provavelmente vai ter em si conotações políticas, comerciais, artísticas, ritualísticas etc., que vieram de diferentes interações.

Charlotte Jirousek, curadora da Coleção de Trajes e Têxteis da Universidade de Cornell, afirmou, por exemplo, que os trajes árabes podem ser vistos do norte da Síria ao norte da África. Mas... qual a origem desses trajes?

O traje básico tanto de homens como de mulheres é baseado na túnica simples, uma vestimenta solta colocada por cima da cabeça que já era comum na região desde os tempos romanos (*qamis* ou *thawb*¹⁰). A forma mais antiga de vestimenta árabe (*izar* e *rida*), um vestuário que envolvia o corpo e não tinha costuras, sobreviveu como os trajes consagrados (*ihram*) usados pelos peregrinos em Meca. (Jirousek apud Martin, 2004, p.184)

Aparentemente, ela associa o traje *simples* romano ao islâmico, mas acrescenta que a *thawb*, uma das túnicas do Islã¹¹, é bem adequada ao clima desértico, já que pode proteger tanto do calor excessivo como permitir a ventilação do corpo. A autora só não diz, no texto referido, que um homem muçulmano não usa, ou não deveria usar, a *thawb* sozinha: há uma calça e uma espécie de camisa por baixo, que impedem que alguém veja o corpo do usuário ou até mesmo seus contornos, o que poderia estimular pensamentos maliciosos.

Este é apenas um exemplo de como um traje – ou sua trajetória até se tornar uma vestimenta, no momento da pesquisa – pode ser analisado. Este texto objetiva investigar trajes que tenham ligação com povos e etnias

10 São dois exemplos de túnicas, costuradas. Falaremos adiante da *qamis*.

11 “Para os muçulmanos, é importante delimitar a diferença dos termos islã e islamismo. ‘É muito comum e é um vício de linguagem se referir ao islã como islamismo, porém é um equívoco, pois islamismo é, academicamente, a nomenclatura que se usa para referenciar o movimento político que se sustenta no islã’, explica o cientista da religião Attila Kus. ‘O nome da própria religião é islam, ou islã – esta como foi feita a adaptação no português brasileiro.’ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-63635739>. Acesso em: 24 ago. 2024.

africanas que foram sendo modificados principalmente por imposições ou sugestões religiosas muito fortes.

Ken Kweku Nimo, homem negro de Gana que pesquisa o luxo na África, afirma que através da história,

os têxteis têm servido como um meio para a comunicação e preservação da cultura africana e suas tradições. Muito além de sua utilidade, os têxteis constituem um ofício e uma forma de arte: através dos padrões evocativos, símbolos e motivos de têxteis africanos copiosos [Abundantes], eventos pivotais foram registrados, lendas foram imortalizadas, crenças religiosas e hábitos, bem como legados familiares, foram sedimentados. (Nimo, 2022, p.33)

Retomando o tema do comércio, Nimo afirma que:

Antes da chegada dos primeiros navios europeus, os habitantes de muitos dos impérios ancestrais da África, incluindo Gana, Mali e Songhai negociavam além dos limites regionais e territoriais. O nexu do comércio na África pré-colonial era destacadamente complexo, com rotas que atravessavam as regiões da África Oriental, Central e do Norte e através do Mediterrâneo para a Europa. Os centros comerciais eram conectados por duas vias de acesso prioritárias, com patrulhas de segurança e pontos de pedágio, que marcavam o roteiro através das florestas e de vastos territórios desérticos. (Idem, p.14)

O primeiro mapa a “representar com alguma precisão os contornos do continente, elaborado por Guilherme Blaeu (1571-1638), grande cartógrafo batavo” (Charles e Sá, 2011, p.2), indica ao mesmo tempo alguns destes grandes centros comerciais e trajés *usados na África* ou *africanos*. Esta reprodução do mapa (Figura 1) de 1641(?), de propriedade da Universidade de Yale nos Estados Unidos, mostra em sua faixa decorativa superior nove “cidades” importantes (Tanger, Ceuta, Argélia, Tunísia, Alexandria, Cairo, Moçambique, São Jorge do Castelo da Mina e Ilhas Canárias)¹² e, nas laterais,

12 Charles e Sá dizem que “O fato de estas cidades serem portos revela que na segunda metade do Século XVI a Europa mantinha soberania costeira, raramente ultrapassando os muros das feitorias” (2011, p.4).

os povos de dez localidades africanas em seus trajes regionais: Marroquinos (Figura 2), Senegaleses (Figura 3) , Mercadores da Guiné (Figura 4), Locais do Cabo Lopes no Gabão (Figura 5), Militares congolezes (Figura 6) , Egípcios (Figura 7), Abissínios (Figura 8), Cafres de Moçambique (Figura 9), Rei de Madagascar (Figura 10) e Habitantes do Cabo da Boa Esperança (Figura 11).

É minimamente curioso que, no mapa, a área que representa o interior da África não indique ao menos a representação de um ser humano – ou seja, os indígenas do interior não foram registrados. A questão que surge é se o mapa foi feito justamente porque o interesse comercial era explorar o litoral do continente.

Nas legendas das imagens, incluí breves comentários sobre cada traje e etnia. Repare que todos os trajes que são costurados, com modelagem, são os que sofreram influência europeia, otomana ou outra cultura externa, já que os trajes “africanos” indígenas são, de modo geral, baseados em dobraduras e amarrações.

Figura 1- Mapa Africae nova Descriptio, da autoria de Guilielmo Blaeuw (ou Willem Janszoon Blaeu – 1571-1638) , publicado em Amsterdã em 1641.





Fonte: Biblioteca
Beinecke de
Manuscritos e
Livros Raros
(Universidade de
Yale)

Figura 2 - Marroquinos. A dominação árabe na região teve início no século VII, sendo o Marrocos parte do Magreb - o norte da África (Mantram, 1977, p. 28). Note-se o uso do turbante e as longas vestimentas cobrindo o corpo todo.



Fonte: Biblioteca Beinecke de Manuscritos e Livros Raros (Universidade de Yale)

Figura 3 - Senegaleses. Um grupo étnico existente até hoje, os Sererês resistiram bravamente à dominação islâmica e chegaram a combater os franceses no século XIX (Lopes, 2004, p.614) (Lopes; Macedo, 2022, p. 431). Note-se o corpo desnudo com apenas amarrações de tecidos.



Fonte: Biblioteca Beinecke de Manuscritos e Livros Raros (Universidade de Yale)

Figura 4 - Mercadores da Guiné – em 1641, a região do oeste africano que ia da Senegâmbia às proximidades do Cabo da Boa Esperança era genericamente denominada de Guiné: Alta Guiné, Guiné Superior e Baixa Guiné¹³. A “islamização ou jibad, decretada contra os animistas¹⁴, ocorreu apenas em 1725”, como apontam Lopes e Macedo (2022, p. 236). Notem-se os adereços indígenas: chapéus/ coroas (em uma ilustração do mesmo período, um chapéu similar foi descrito como confeccionado com pele de cachorro¹⁵) e lanças. Tecidos amarrados como cobertura corporal.



Fonte: Biblioteca Beinecke de Manuscritos e Livros Raros (Universidade de Yale)

13 Mais uma vez, é necessário ter cuidado com os nomes do passado e os atuais.

14 “Na antiga antropologia, primeiro estágio da evolução religiosa da humanidade, baseado na crença de que todos os seres da natureza possuem uma alma e agem intencionalmente. Tidas equivocadamente como animistas, as religiões negro-africanas acreditam, sim, na existência de uma força vital que integra os seres dos diversos reinos no universo regular, mas entendem que cabe à ação humana promover a harmonia entre eles. (Lopes, 2004, p.62)

15 A gravura é *Repraesentatio vestimentorum, Quibus viri in hoc littore utuntur*, de Johan Theodore de Bry e Johan Israel De Bry. Fim do século XVI. Departamento de Coleções Especiais, Biblioteca da Universidade da Virgínia.

Figura 5 - Locais do Cabo Lopes no Gabão. Os portugueses chegaram ao local em 1471, mas os “missionários (Cristãos) só viriam nos séculos seguintes”(Lopes; Macedo, 2022, p. 221). A região permaneceu quase sem contato com os europeus até o século XIX, quando os franceses começaram, a partir de alianças com chefes do litoral, a penetrar no interior e colocar em prática sua obra de colonização” (Lopes, 2024, p.289). Há uma gravura de Pieter de Marees que mostra estes trajes, chamada Os habitantes do Cabo Lopo Gonsalves (sic), de 1602 e que está em Haia, na Biblioteca Real.



Fonte: Biblioteca Beinecke de Manuscritos e Livros Raros (Universidade de Yale)

Figura 6 - Soldados congolezes. Foi só no fim do século XV que navegadores portugueses chegaram à região. Nessa fase – 1641 - o país estava em plena atividade no tráfico negreiro, mas não houve dominação religiosa de nenhum grupo até o fim do século XIX, quando o país foi dividido entre França, Bélgica e Portugal.



Fonte: Biblioteca Beinecke de Manuscritos e Livros Raros (Universidade de Yale)

Figura 7- Egípcios. Lopes e Macedo (2022, p.186) afirmam que “no século VII, a conquista do território pelos muçumanos árabes abre caminho para a islamitização”, o que explica claramente o turbante, o véu e as coberturas corporais totais, tanto para homens como para as mulheres.



Fonte: Biblioteca Beinecke de Manuscritos e Livros Raros (Universidade de Yale)

Figura 8 - Abissínios. Abissínia era o nome antigo da Etiópia, que remonta à cidade de Axum¹⁶. “Embora Axum fosse cristiantizada desde o século V E.C., alguns governantes estabeleceram laços com o Islã, notadamente no episódio da acolhida de seguidores de Maomé, perseguidos na Arábia, c.615 EC”. (Lopes e Macedo, 2017, p. 44) A Etiópia sempre foi um estado cristão, mas a influência turca, que inclusive fechou o Mar Vermelho aos etíopes, foi muito forte, de onde se explicam estas calças que são claramente turcas, e o turbante, muçulmano.



Fonte: Biblioteca Betnecke de Manuscritos e Livros Raros (Universidade de Yale)

16 Axum – cidade e reino etíope na região de Tigré. (Lopes; Macedo, 2022, p. 79).

Figura 9 - Cafre provavelmente tem origem em kafir, palavra árabe que designa “no singular, pessoa não muçulmana” (Lopes e Macedo, 2017, p. 116). Cafraria passou a ser “Antiga denominação da região no extremo sudeste da África do Sul, entre as províncias do Cabo e Natal, por ser o hábitat das populações derogatoriamente mencionadas como cafres”. (idem). A nudez, a pintura corporal, as escarificações ainda fazem parte de muitos habitantes da região, como os Xosa.



Fonte: Biblioteca Beinecke de Manuscritos e Livros Raros (Universidade de Yale)

Figura 10 - Rei de Madagascar. “O Reino de Merida foi constituído no século XVI, ao mesmo tempo em que se davam os primeiros contatos com europeus. (Lopes; Macedo, 2017, p. 309) A população é uma mistura de africanos bantos e asiáticos (migrantes malaio-polinésios) e esta mistura é evidente em muitas gravuras do período (como Mulher Africana e criança, de 1641, pintura de Albert Eckhout, hoje no Museu Nacional de Copenhague). A coroa, ou adorno de cabeça, remete muito a uma coroa ancestral de Wutala, nas Ilhas Molucas, dos séculos XV-XVII¹⁷.



Fonte: Biblioteca Beinecke de Manuscritos e Livros Raros (Universidade de Yale)

17 Disponível em: <https://emuseum.mfah.org/objects/33285/wutala-ancestral-crown>. Acesso em: 2 set. 2024.

Figura 11 - Habitantes do Cabo da Boa Esperança. Seguem a mesma descrição dos cafres da Figura 9. Na página 187 do livro *Tribal Peoples of Southern Africa*, de Barbara Tyrrell (1971), há uma imagem de guerreiro Xosa que é muito próxima desta gravura.



Fonte: Biblioteca Betnecke de Manuscritos e Livros Raros (Universidade de Yale)

É curioso perceber que as regiões do Norte da África já vinham sofrendo desde o século VII, como já citado, as invasões árabes. O precioso conjunto de imagens (Figuras 2 a 11) é revelador: aqueles que não foram dominados por muçulmanos (Figuras 3, 4, 5, 6, 9, 10 e 11) mantiveram seus trajes indígenas, enquanto a dominação muçulmana trouxe um novo modo de vestir para localidades em que o Islã foi implementado (Figuras 2 e 7). A região da atual Etiópia resistiu ao sistema de crenças islâmico, mas incorporou elementos do seu trajar.

A primazia da escolha do tema *África Colonial: choques religiosos e suas influências nos trajes*, cuidadosamente revisado para *África “Pré-Colonial” e “Colonial”: choques religiosos e suas influências nos trajes desses períodos* vai ao encontro do que tenho estabelecido como linha de pesquisa nos últimos anos – modos de vestir no Brasil e seus significados – e que trouxe à tona uma importante questão ligada ao universo da negritude: as vestimentas dos negros¹⁸ e as que delas derivam no país. Havia uma lacuna nesta direção que me parecia determinante como identidade vestimentar, que é fortemente cultural. Se os negros foram privados de conhecer sua origem biológica antecessora pela destruição de documentos¹⁹, este forte elo

18 Usar o termo negros ou pretos é uma discussão ampla e que passa por muitas questões. Tenho percebido que há posicionamentos políticos sobre as expressões – na dúvida, perguntar o que a pessoa prefere é o melhor caminho. Veja o que diz o site Politize: “O uso correto dos termos preto ou negro é aquele em que ambos são usados com características positivas, sem relegar aos negros a negatividade”. Disponível em: <https://www.politize.com.br/preto-ou-negro/>. Acesso em: 27 jul. 2024.

19 O então ministro da fazenda Ruy Barbosa, em 14 de dezembro de 1890, assinou um despacho ordenando a coleta e posterior queima de todos os documentos ligados à escravidão no Brasil. Há muito material espalhado pelo Brasil afora e que não foi destruído, como por exemplo o material do Cartório do Primeiro Tabelião de Notas e de Protesto de Araraquara, que hoje é o maior acervo de documentação sobre a escravidão já identificado em toda a América Latina. É um material excepcional sobre as trajetórias de muitos negros e o livro sobre eles, *A História Comprovada: fatos reais e as dores da escravização araraquarense*, pode ser baixado de forma gratuita em https://editorarima.com.br/wp-content/uploads/2023/03/A-Historia-Comprovada-%E2%80%93-fatos-reais-e-as-dores-da-escravizacao-araraquarense_ebook1.pdf. Acesso em: 27 jul. 2024.

ancestral poderia ser resgatado através de tradições de indumentária que se somariam ao nosso cotidiano musical, afetivo, de vocabulário, de dança, de alimentação, de ritos religiosos e que o racismo e o preconceito tentam negar.

Ainda longe do que presenciei em missão acadêmica na Universidade da Cidade do Cabo, África do Sul, em abril de 2024 – a inclusão dos dialetos negros nos espetáculos; o resgate dos trajes ancestrais e suas recriações em cena; o uso de Impepho²⁰, uma erva sagrada na África do Sul, na escola; a inversão na relação numérica de professores brancos versus negros e alunos brancos versus negros – a discussão sobre decolonialidade na nossa sociedade e também na nossa Universidade caminha lentamente.

O vestir é uma das maneiras mais fortes de expressão pessoal e grupal, e não se restringe apenas ao traje de cena: atinge o traje social, o eclesiástico e o militar e não raro é a primeira ligação que se estabelece visualmente, antes de qualquer outra, inclusive com o espaço em que alguém se apresenta e com as pessoas com as quais se relaciona.

20 O ativista Madoda Mditshwa explica que “o impepho é uma erva frequentemente usada em rituais espirituais e para purificar o ar em uma casa. Acredita-se que afasta espíritos e presságios negativos”, acrescentando também que é usado para higiene oral, além de possuir propriedades medicinais. Disponível em: <https://www.foodformzansi.co.za/impepho-the-african-plant-that-keeps-on-giving>. Acesso em: 26 jul. 2024.

Capítulo 1

Judeus, muçulmanos e cristãos na África: influências vestimentares pouco ou nada sutis

As três maiores e mais antigas religiões do mundo²¹ – o Judaísmo, o Cristianismo e o Islã²² – surgiram no Oriente Médio, e, por sua proximidade geográfica com o continente africano permitiu intensa interação entre seus habitantes, sendo o comércio – a comercialização de mercadorias, entre elas os têxteis e os produtos deles derivados – um dos grandes agentes que promoveram esta integração, como já citado.

Os trajes envolvidos nos diversos ritos de cada uma destas religiões é digno de nota e estudo, bem como o espaço em que os ritos se desenvolvem – sinagogas, igrejas ou mesquitas, todas com variações de tamanho, nomenclatura e finalidade, passando por espaços abertos (nas matas ou terrenos em que ritos ancestrais são realizados) até pequenos tapetes onde ritos individuais islâmicos, por exemplo, são realizados.

O judaísmo chegou ao norte da África, segundo o professor Mohammed Kenbib, da Universidade de Mohammed V., em Rabat, no Marrocos em cerca de 580 AEC:

Eles vieram da Palestina ao longo do norte do Sahara, do norte do deserto, e começaram a se estabelecer ao

21 O hinduísmo, mais antigo que as três religiões, tem início com a tradição védica em 1.700 a.C., mas não é exatamente uma religião, como descreveu o Supremo Tribunal Indiano em 1995: “Na verdade, o hinduísmo não se limita às características de nenhuma religião ou credo, podendo ser descrito, em termos gerais, como uma forma de vida e nada mais que isso” (Jones; Palphy, 2016, p.90). Do mesmo modo o budismo, fundado por Siddhartha Gautama, o Buda, por volta de 570 a.C. não é uma religião, mas uma filosofia de vida, “porque não baseou seus ensinamentos numa visão mística ou epifania, mas em conclusões resultantes de um longo período de experiência e reflexão – iluminação” (idem, p. 128).

22 Ver nota 11 sobre o Islã.

sul de Marrocos. Foi uma fuga em direção ao Marrocos imediatamente depois da destruição do primeiro templo judaico pelos babilônios. No primeiro século depois de Cristo, depois da destruição do segundo templo pelos romanos²³.

Apesar de terem seus próprios trajes, o professor Kenbib explica que houve uma interpenetração entre as duas culturas: “Uma ‘berberização’ dos judeus e uma ‘judeização’ dos berberes, que eram pagãos.” Justamente no Marrocos, onde o professor ministra as suas aulas, as cores e os materiais dos trajes judaicos sofreram grande influência de outros povos que por lá estiveram – os espanhóis, por exemplo, que levaram o veludo para as vestimentas. O judaísmo ficou restrito, de maneira geral, ao norte da África e considero seu impacto no período “colonial” africano muito menor do que aquele que o cristianismo e o islamismo tiveram. Hoje o judaísmo abrange apenas 100 mil pessoas na África, o que representa menos de 0,1% da população.

Com relação ao Cristianismo²⁴ e ao Islã, Jacob K. Olupona, negro, nigeriano e professor de Tradições Religiosas Africanas na Escola de Teologia de Harvard

23 O professor faz este relato no programa Ancestors, Spirits and God - History Of Africa with Zeinab Badawi, episódio 8. A BBC descreve o projeto desse modo: “Esta série de 20 programas é baseada em um projeto único, supervisionado pela UNESCO, conhecido como GHA: a História Geral da África - a história, cultura e herança da África escrita e contada pelos próprios africanos. Zeinab Badawi viaja por mais de trinta países no oeste, leste, centro e sul da África e explora a história do continente desde o início dos tempos até a era moderna com o objetivo de ‘colocar a história em ordem’. Ela captura momentos-chave na história da África em suas conversas com africanos de todas as esferas da vida, incluindo historiadores importantes de toda a África, e ela dá vida a alguns dos heróis e heroínas menos conhecidos do passado do continente. Esta é uma busca pela verdade e identidade - descobrindo capítulos e perspectivas ocultos da história da África e revisando interpretações distorcidas”. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLajyiGz4JeyPq2lpEt2skZRhQsAspIQcP>. Acesso em: 27 jul. 2024.

24 A Igreja Católica é apenas uma das vertentes do Cristianismo, que tem entre suas principais correntes estas a seguir: Igreja Católica Ortodoxa, Igreja Católica Romana, Igreja Luterana, Anglicana, Presbiteriana, Batista, Congregacional, Metodista, do Evangelho Quadrangular, Assembleia de Deus, de Nova Vida, Universal do Reino de Deus, Deus é Amor, Internacional da Graça de Deus e Apostólica Renascer em Cristo. Os dados estão em <https://www.diferenca.com/tipos-de-religiao/>. Acesso em: 30 jul. 2024.

e da Faculdade de Artes e Ciências de Harvard explica que a África absorveu essas duas religiões exógenas e que “estão presentes no continente africano há quase tanto tempo quanto elas existem” (Olupona, 2023, p. 117).

Já em 50 EC o Cristianismo como religião já estava na África, mas é importante lembrar que o norte do continente

foi palco de uma efervescência da religião cristã, que foi fundamental para moldar a Igreja primitiva. A África é mencionada na narrativa bíblica várias vezes: quando criança, Jesus foi levado ao Egito para proteção; um dos episódios mais importantes do livro de Atos narra o batismo de um eunuco etíope por Filipe, O Evangelista (Atos 8). Santo Agostinho foi um dos teólogos mais importantes do cristianismo e bispo de Hipona (atual Argélia) e o escritor cristão Tertuliano era de Cartago (atual Tunísia). (idem, p. 118)

Olupona destaca que tanto Santo Agostinho como Tertuliano falavam latim e isso indica como a “África” era integrante da Antiguidade Clássica, já que:

O Cristianismo chegou à África pelas mãos do Império Romano, entrando pelo norte do continente. Quando Roma converteu-se à religião cristã, o mesmo aconteceu com suas colônias. Assim, o Cristianismo apossou-se do Egito (...) Do Egito, a religião espalhou-se para a região da Núbia. (...) (idem, p.119)

Sobre os trajes da Igreja Católica escrevi um pequeno, mas significativo livro²⁵, além de diversos textos em que apresento os trajes dos sacerdotes cristãos²⁶, sua inclusão nos ritos e sua dominação/ sobreposição sobre os trajes dos diversos locais em que a Igreja Católica estendeu seus braços. No Brasil, por exemplo, na sua primeira tentativa de catequização, a Igreja envia o Padre Manoel da Nóbrega (1517-1570), missionário da Companhia

25 A obra é *Os trajes da Igreja Católica* e está disponível para download em: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/1234/1126/4283>. Acesso em: 29 jul. 2024.

26 A “nudez” dos ameríndios, seu patrimônio indumentário e os primeiros trajes europeus a chegarem no Brasil, apresentado no Congresso da AMPUH em 2021. Disponível em: https://www.snh2021.anpuh.org/simposio/view?ID_SIMPOSIO=129 Acesso em: 24 set.2024.

de Jesus que escreve – em 1549 – suplicando a Lisboa que pessoas que tecessem algodão viessem ao Brasil ou que enviassem camisas de algodão – “ao menos uma para cada mulher, pela honestidade da religião, pois rezavam com os seios desnudos”²⁷.

O olhar do europeu, repleto de séculos de repressão religiosa e moral, não alcançou que a nudez, bem como a pintura corporal e todos os trajes em formato diferente do europeu, como penachos, saias e outras peças feitas de material abundante nas matas eram uma forma de vestimenta e de expressão cultural dos indígenas. O mais curioso é que a Bíblia, conjunto de 66 livros sagrados dos Cristãos, divididos em Velho e Novo Testamento, não cita, de modo geral, regras vestimentares para os fiéis, apesar de incluir os têxteis como parte da narrativa em inúmeros livros. Mateus, no seu capítulo 27, versículo 35, diz que “os soldados romanos, depois de haverem sacrificado Jesus, repartiram os seus vestidos, lançando sortes, para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta”, citando em seguida Salmos (22:18) – era uma profecia de Davi que dizia: “Repartem entre si os meus vestidos e lançam sortes sobre a minha túnica”. Assim que Jesus morre, o véu do templo²⁸ – mais um tecido com papel importante na Bíblia – se fende: “E eis que o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo; e tremeu a terra, e fenderam-se as pedras” (Mateus 27:51). Simbolicamente, para os cristãos, os elos materiais estavam rompidos, mas não as vestes imateriais que eram indestrutíveis e representavam o poder espiritual de Jesus e a sua missão de religar os homens a Deus.

27 Disponível em: <https://www.anais.abepem.org/get/2021/UM%20TRISTE%20EMBATE%20VESTIMENTAR-%20CAMISAS%20PARA%20ACABAR%20COM%20A%20PERFORMATIVIDADE%20INDI%CC%81GENA.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2024.

28 O templo – o tabernáculo, na tradição cristã – foi especificado por Moisés de acordo com as instruções que recebeu diretamente de Deus no Monte Sinai. Representava a autoridade divina sobre o povo de Israel e era dividido em duas salas, como descrito em Êxodo 26:33 – o Santo Lugar e o Santo dos Santos. Era um santuário portátil até a construção do Templo de Salomão, quando então ficou como parte do edifício. Há uma excelente explicação sobre o tabernáculo que pode ser vista em: <https://estiloadoracao.com/tabernaculo-significado/>. Acesso em: 30 jul. 2024.

Há algumas aproximações entre o Cristianismo e o Islamismo que são muito significativas, ainda que as duas religiões pareçam ser diametralmente opostas²⁹. O estudo da indumentária religiosa na Igreja Católica faz parte da liturgia, “que de forma reduzida quer dizer ‘culto divino’” – e a citação é autorreferencial, presente no texto *Entre o humano e o divino: as vestes da Igreja Católica*³⁰. A liturgia católica – cortes, formatos dos trajes e seus significados – foi estabelecida há 1.400 anos³¹.

Assim, proponho que este texto passe a discutir agora as normas do vestir islâmico com pinceladas panorâmicas no espaço do rito, já que oferece uma possibilidade inédita, até onde se sabe, de desenvolver uma trajetória vestimentar que sai do Oriente e passa pela “África Pré-Colonial e Colonial”. Para não contradizer os pensadores africanos vou simplesmente adotar, para esta análise, o período que se inicia no século VII e vai até o século XVII, justamente a fase de maior expansão islâmica na África³².

29 Ney Lopes diz que o Islã é uma “amalgama do judaísmo com o cristianismo dentro de uma realidade árabe (...). Para a religião islâmica, só há um Deus, que é Alá, e Maomé é seu único profeta. E assim como os cristãos, os muçulmanos também acreditam: nos arcanjos Gabriel, Miguel, Azrael e Izrafel; no fim do mundo; no juízo final; na ressurreição dos mortos; no destino, no bem e no mal; na virgindade de Maria; no paraíso e no inferno. Reconhecem a existência e a importância de Adão, Noé, Abraão, Moisés e Jesus a quem também consideram como taumaturgo [milagreiro], mas não como “filho de Deus” (Lopes, 2002, p.19).

30 Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/359/356>. Acesso em: 30 jul. 2024.

31 Houve mudanças no Quarto Concílio de Cartago, em 589 EC., no Concílio de Trento em 1545; no Concílio Vaticano I em 1870 e no Vaticano II, já na década de 1960.

32 Naturalmente, esta influência não está restrita ao período escolhido – hoje, 43,3% da população africana segue o Islã; 50,9% são cristãos e outras religiões, como as indígenas, 5,8% da população.

Capítulo 2

Nascimento e pilares do Islã

A África nunca foi apenas um país – Toyin Falola, homem negro nigeriano, historiador e professor de estudos africanos na Universidade do Texas em Austin aponta que

em sua longuíssima história pré-colonial, os componentes mais importantes da identidade africana eram culturais, não obstante a multiplicidade de grupos étnicos. Certamente, não havia uma única cultura africana, mas culturas que compartilhavam de muitas premissas similares. Tampouco havia uma única nação africana, mas uma diversidade de nações³³ que compartilhavam certas características semelhantes. O ponto de partida em uma discussão como essa deve ser a estrutura social.” (Falola, 2020, p. 90)

A África é um continente que tem 30.370.000 km², e na sua atual configuração possui 54 países e 2092 línguas faladas, “número que corresponde a nada menos que 30% dos idiomas do planeta. Além das mais de 2 mil línguas, estão presentes mais 8 mil dialetos. Assim, o multilinguismo é característica medular do continente”³⁴.

Como dito, a África é um continente, mas também é parte da grande massa de terra afro-eurasiana, como descreve Philip Curtin:

33 Dentre estas nações, reinos poderosos despontaram (dos mais antigos até os extintos mais recentemente): Antigo Egito e Núbia; Os Reinos Sudaneses (Gana, Mali e Songai); Reino da Etiópia; Reino Iorubá e do Benim; Reino do Congo; Buganda; Califado de Socoto e o Império Ashanti, entre outros, como estabelece o livro editado por John Parker, *Great Kingdoms of Africa*. Londres: Thames and Hudson, 2023.

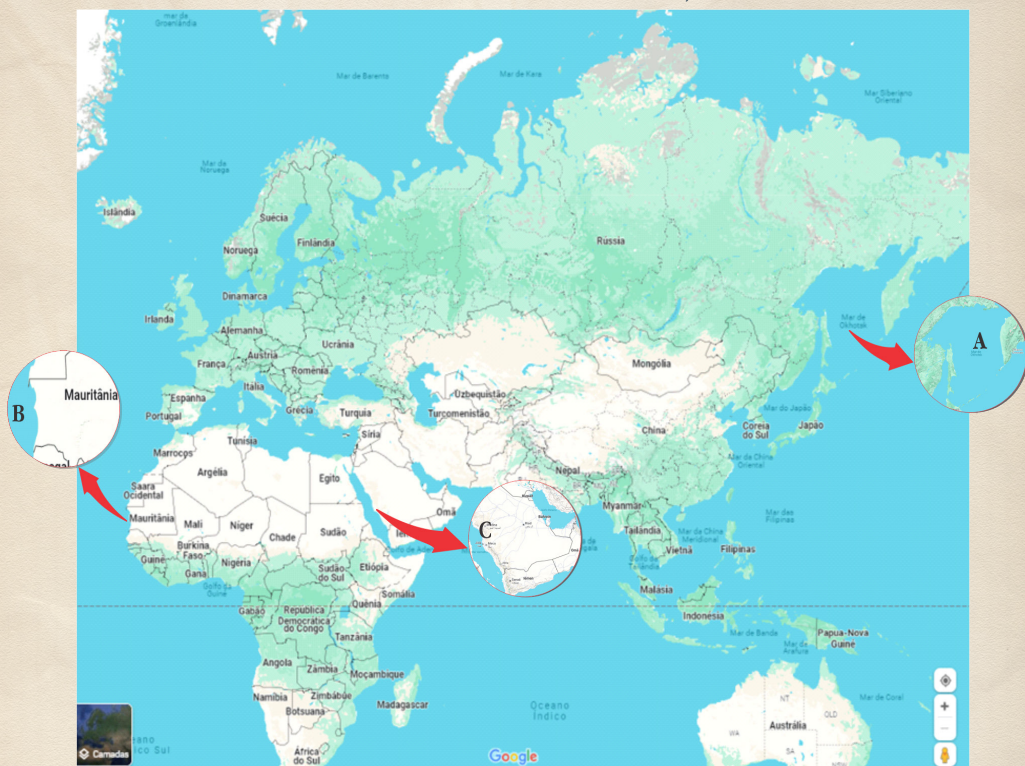
34 Disponível no site de mídia alternativa: <http://www.afreaka.com.br/notas/diversidadelinguistica-africana-e-suas-herancas-na-formacao-portugues-brasil/>. Acesso em: 18 jun. 2024.

O Saara é meramente a extensão ocidental do grande cinturão seco afro-eurásiano que começa no Mar de Okhotsk [ver na Figura 13 a letra A], se espalha através do Deserto de Góbi, atravessa a Ásia Central, Afeganistão, Irã e Arábia, para atravessar o Mar Vermelho e o continente africano até a costa atlântica da Mauritânia. Este cinturão separa a África Subsaariana dos fazendeiros sedentários do norte da África muito mais eficazmente do que o mar Mediterrâneo separa aquelas sociedades sedentárias do sul da Europa. Este mesmo deserto separa a Arábia do Sul e a África do crescente fértil do meio leste muito mais efetivamente do que o Mar Vermelho separa a Arábia da sua vizinha Costa africana. Por esta razão, uma outra zona árida ao sul das terras altas da Etiópia atinge a Costa do oceano Índico ao longo do que é atualmente a fronteira do Quênia e da Somália e constituem uma segunda linha de defesa, isolando a África central e do sul da do norte – e incidentalmente transformando os platôs altos e relativamente bem irrigados da Etiópia e da Arábia do sul um tipo de ilha montanhosa em meio ao mar deserto. Na verdade, o norte da África é dividido em uma série de diferentes regiões, cada uma separada da outra por zonas de aridez comparativa. (Curtin et al; 1995, pp. 30-31)

Cinturão seco, a expressão aplicada por Curtin, é uma forma sutil de se referir a uma terra onde o plantio é árduo, o solo seco e pouco produtivo. O clima é mediterrâneo, mas com poucas chuvas no inverno e um verão com longas secas. As temperaturas podem atingir 50 °C durante o dia e despencar para valores negativos durante a noite. O índice pluviométrico é de 100 a 200 mm por ano – apenas para efeito comparativo, na cidade de São Paulo o índice é 1.500 mm por ano³⁵.

35 O índice é do INMETRO, para o ano de 2022, disponível em: <https://portal.inmet.gov.br/>. Acesso em: 24 jul. 2024.

Figura 12 - Mapa do Google Maps mostrando do lado direito o Mar de Okhotsk (A), quase final do território russo, e o continente africano do lado esquerdo. A letra B marca o litoral da Mauritània. A letra C é Meca, na Arabia Saudita.



Fonte : Google Maps.

O Profeta Maomé (que a paz esteja com ele)³⁶, o codificador do Islã, nasceu na parte eurásiana do cinturão seco, em Meca, na região indicada pela letra C na Figura 12 e mais detalhada na Figura 13.

³⁶ Os Islâmicos ou muçulmanos (evite *maometano*, que soa ultrapassado, antigo e depreciativo) acreditam que ao citar qualquer profeta, como Maomé ou Jesus, deva-se exprimir este voto de respeito: “que a paz esteja com ele”. Outra maneira de representar a sentença no texto seria usar este símbolo árabe, que quer dizer a mesma coisa: ﷺ

Figura 13 - As cidades de Meca e Medina, vitais na jornada de Maomé.



Fonte: Wikimedia Commons.

Nada na biografia de Maomé (que a paz esteja com ele) é tão claramente definitivo. Sabe-se que nasceu por volta de 570 EC. O pai teria morrido pouco antes de seu nascimento; a mãe, quando ele tinha 6 anos, o que o levou a viver com o avô por dois anos. Aos 8, foi viver com um tio que, como ele, não descendia de uma família influente. Christine Schirrmacher afirma que quando tinha 25 anos, Maomé (que a paz esteja com ele) se casou com Khadija Bint Huwaylid, que era cerca de vinte anos mais velha do que ele. Enquanto ela esteve viva, ele não teve nenhuma outra esposa – “uma circunstância que os estudiosos muçulmanos consideram prova de um matrimônio feliz”³⁷

37 Depois da morte de Maomé (que a paz esteja com ele), os pesquisadores não conseguem afirmar ao certo se ele teve 9, 11 ou até mesmo 13 esposas.

(Schirmmacher, 2017, p. 25). Khadija era uma viúva rica e Maomé (que a paz esteja com ele) tinha sido seu “homem de confiança para acompanhar suas caravanas [comerciais] à Síria” (Mantran, 1977, p. 58). A proposta de casamento – feita por ela – possibilitou ao noivo “sair da pobreza, viver livre das necessidades materiais e tornar-se um personagem conceituado” (idem, p. 59). A abertura para as vivências espirituais era uma grande possibilidade.

No ano de 610 EC, o Alcorão³⁸, livro sagrado do Islã que foi revelado a Maomé (que a paz esteja com ele), narra que o Profeta Maomé (que a paz esteja com ele) meditava em uma caverna em Al-Hira, perto de Meca, quando foi “tomado por fortes sensações que o assustaram terrivelmente e o levaram a supor que um espírito mau o tivesse possuído” (idem, p. 26). Este primeiro processo e os procedimentos seguintes de transmissão de texto do Alcorão são bastante complexos, notadamente porque Maomé (que a paz esteja com ele) era analfabeto³⁹. Foi sua esposa Khadija que “fortaleceu nele a certeza de que fora um instrumento escolhido por Deus com a incumbência de proclamar sua mensagem a seus concidadãos pagãos⁴⁰” (idem, p. 26).

A jornada do profeta é repleta de acordos comerciais⁴¹, políticos, sociais e religiosos, mas do ponto de vista ritualístico e “cênico”, um importante

38 O Alcorão é o livro sagrado do Islã e está dividido em 114 capítulos, chamados de suras ou suratas, que são divididas em versículos numerados.

39 Robert Mantran diz que apesar de não se saber nenhum detalhe de sua formação, de sua cultura, de suas práticas religiosas – “parece que sabia ler e escrever” (1977, p. 58).

40 Tsugami e Santos, em *O sagrado está no todo*, abordam alguns conceitos de paganismo que vem do latim *paganus*, referente a aqueles que viviam no campo e que seguiam, portanto, um sistema de crenças (evita-se aqui o uso da palavra religião) e de devoção aos elementos da natureza – que a partir de uma apropriação do termo *paganus*, passou-se a designar todo aquele que não seguia uma das três maiores religiões monoteístas. A dupla analisa ainda o neopaganismo, “releituras e ressignificações das crenças de sociedades pré-cristã, sendo um movimento da contemporaneidade” (2021, p.17).

41 Anteriormente ao trabalho com Kadhija, o profeta trabalhou com seu avô, que era “guardião da fonte de Zemzém em Meca e, por herança, ocupava um dos cargos principais da peregrinação a Meca, a *sigaya*, ou distribuição de água aos peregrinos; ademais, ocupava-se do comércio com a Síria e o Iêmen”. (Mantran, 1977, p.57). Mais adiante, já espiritualizado, sua opção por fixar o centro de peregrinação do Islã em Meca tem forte

espaço se configura em 622 EC, na cidade de Yátrim, rebatizada no futuro de Madinat al-nabi, ou Medina (literalmente, a cidade do profeta): “foi lá que se instituiu o primeiro local de oração próprio da comunidade, o *masdjid* (mesquita), lugar de prostração, mas também de reunião” (Mantran, 1977, p. 64).

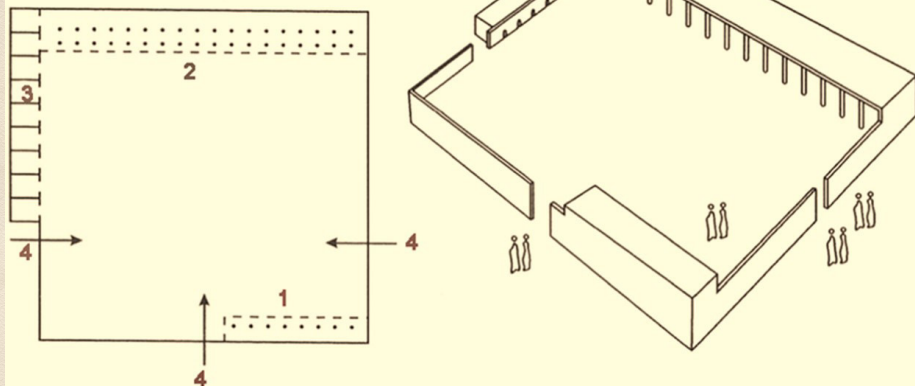
Uma mesquita não é só local de oração, mas também de estudo, descanso, reflexão. Sua estrutura, que renderia instigantes artigos, está relacionada ao espaço da casa do próprio Maomé (que a paz esteja com ele) (Figura 4). Kendra Weisbin, mestre em Artes pela Universidade de Massachussets com foco na arte e arquitetura islâmica, declara a casa do profeta como a primeira mesquita⁴². Ela aponta que ainda que o estilo, o design e a decoração possam variar muito, há uma estrutura principal que se repete: o pátio (com uma fonte de água, para abluções); o mirabe, um nicho, que indica a direção de Meca; um minarete, do qual se faz a chamada para oração e, deve-se acrescentar, o Mimbar, uma espécie de escada com patamar e cadeira para o Sheik conduzir as orações. A cúpula não é uma exigência ritual como o mirabe, mas é “uma representação simbólica da abóbada do céu” (ver a nota de rodapé 26).

ligação com o poder financeiro da cidade, por ser rota de comércio internacional.

42 “Sua casa, em Medina, na atual Arábia Saudita, era uma casa típica do século VII de estilo árabe, com um grande pátio cercado por quartos longos sustentados por colunas. Este estilo de mesquita ficou conhecido como uma mesquita hipostila, o que significa ‘muitas colunas’. Por séculos, a maioria das mesquitas construídas em territórios árabes foram feitas nesse estilo”. Disponível em: <https://pt.khanacademy.org/humanities/approaches-to-art-history/understanding-religion-art/islam/a/introduction-to-mosque-architecture>. Acesso em: 25 ago. 2024.

Figura 14 - A primetra mesquita: Reconstrução do esquema da Casa do Profeta, Medina, Arábia Saudita.

1. Área coberta para os acompanhantes do Profeta
2. Área coberta para orações
3. Quartos particulares
4. Entradas



Fonte: Kendra Weisbin, Khan Academy, com adaptações do autor.

Figura 15 - Mirabe e mimbar da Mesquita do Sultão Hassan, no Cairo. Construção: 1356-63.

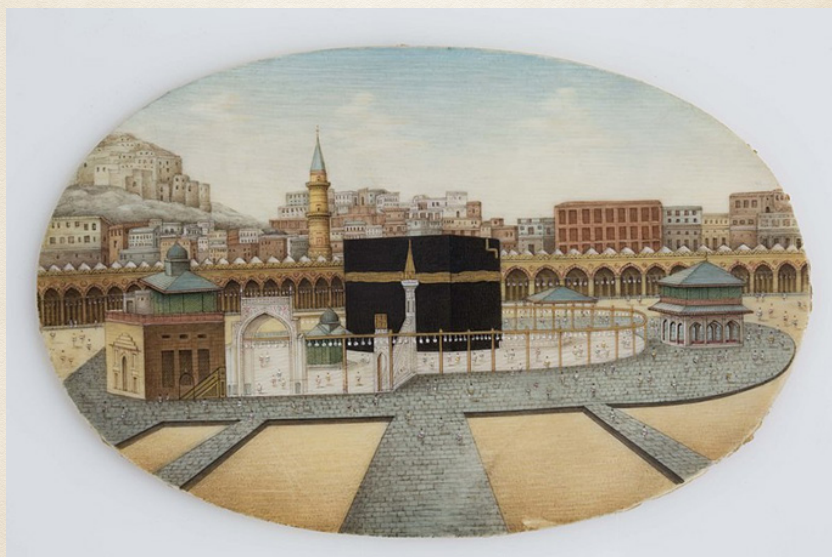


Foto: Dave Berkowitz (Licença: CC BY 2.0)

Após um longo embate com as tribos locais pagãs, cristãos e judeus, Maomé (que a paz esteja com ele) consegue dominar Meca e em 11 de janeiro de 630 EC ele dá sete voltas em torno da Caaba, “toca na Pedra Preta com seu bastão, manda derrubar os ídolos lá erguidos e apagar afrescos que representavam os profetas bíblicos, poupando apenas as imagens de Abraão, de Jesus e da Virgem” (Mantran, 1977, p. 69).

Se as mesquitas constituem espaços cênicos distribuídos pelo globo, a Caaba (Figuras 16, 17 e 18) talvez seja o local de peregrinação mais visitado por ano no mundo⁴³.

Figura 16 - Uma representação da Caaba, no Santuário de Meca, em 1845.



Fonte: Kbalili Collections⁴⁴

⁴³ O site do canal de TV CNBC diz que “de forma geral a Cidade do Vaticano atrai cerca de 9 milhões de turistas por ano, e Meca, na Arábia Saudita, recebe aproximadamente 20 milhões de visitantes anualmente”. Disponível em: <https://www.cnbc18.com/travel/culture/ayodhya-ram-temple-50-million-visitors-expected-each-year-surpassing-tirupati-mecca-and-vatican-18880731.htm>. Acesso em: 25 ago. 2024.

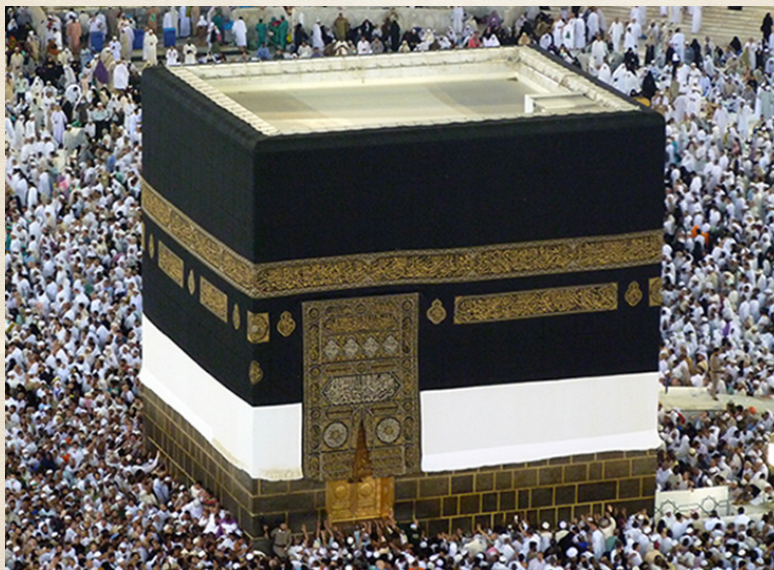
⁴⁴ Disponível em: <https://zone47.com/crotos?q=107664096>. Acesso em: 25 ago. 2024.

Figura 17- A Caaba na Mesquita Al Haram, reformada após duas grandes iniciativas em 1955 (finalizada em 1973) e 1984. Hoje, a mesquita pode receber até 4 milhões de peregrinos por vez.



Fonte: Al Jazeera English (CC:BY 2.0)

Figura 18 - Uma visão mais próxima da Caaba, um cubo que tem 15,24 metros de altura e laterais de 10,67 metros.



Fonte: The Kaaba in the Masjid el Haram, 2010 Tab59, CC BY-SA 2.0

Figura 19 - Uma visão interna da Caaba, cujo acesso é restrito apenas aos sacerdotes e visitantes especiais. A porta é de ouro, pesa 280 quilos e tem 2 metros e 13 centímetros de altura.



Fonte: Reddit.com

Apesar de sua grandiosidade hoje para atender ao gigantesco número de peregrinos, a Caaba nos tempos pré-islâmicos era, originalmente, como acreditam os próprios muçulmanos, um santuário erguido por Abraão (conhecido como Ibrahim na tradição islâmica) e seu filho Ismael. A Caaba (cubo, em árabe) teria sido uma simples estrutura retangular coberta, como aponta Elizabeth Macaulay-Lewis⁴⁵, na terra prometida por Deus a Abraão.

⁴⁵ Disponível em: <https://pt.khanacademy.org/humanities/approaches-to-art-history/understanding-religion-art/islam/a/the-kaaba>. Acesso em: 25 ago. 2024.

Na ocasião da tomada da Caaba por Maomé, lá ficavam

360 representações simbólicas das divindades cultuadas pelas diversas tribos árabes. Cada uma delas possuía seus próprios entes divinos, que cultuavam irregulares peregrinações a Meca, cidade extremamente movimentada por conta desse fluxo, que fazia dela, inclusive, um grande centro comercial e financeiro. A essência das divindades cultuadas no Templo da Caaba era diversificada. Algumas eram de natureza astral, como Allat, representação do Sol, ou Al-Uzza, representação do planeta Vênus. Outras representavam ideias abstratas como a morte (Manat) ou o amor (Wadd). Mas além dessas divindades, os árabes pré-islâmicos cultuavam também seus antepassados, seus ancestrais. E ofereciam sacrifícios propiciatórios, realizados por sacerdotes que, igualmente, consultavam oráculos para previsão do futuro. (Vargens; Lopes, 1982, p. 4)

Christine Schirrmacher, como que cravando o bisel de uma agulha afiada em um coágulo prestes a romper, analisa e conclui que Maomé (que a paz esteja com ele) passa a “dar primazia ao Islã em relação às religiões que o precederam” – já que manifestava cada vez mais hostilidade contra cristãos e judeus, mas notadamente contra os judeus – e declara que o Islã:

não era mais a religião apenas dos árabes, e sim norma exclusiva de fé para todos os seres humanos. Ao ampliar a existência do Islã, fazendo-o retroagir à pré-história e projetando-o para o fim dos tempos, a tradição, acima de tudo, declara que o Islã é a religião original da humanidade. (2017, p. 36)

Era altamente conveniente que o próprio Maomé (que a paz esteja com ele) fosse comparado a Abraão (e agora, que a paz esteja com ele), que no seu tempo também destruiu as esculturas anímicas do templo.

O Alcorão firma os cinco pilares do Islã:

1 - A confissão: “Não há outro Deus senão Alá, e Maomé (que a paz esteja com ele) seu profeta.”

2 - Oração.

3 - Jejum.

4 - Esmolas⁴⁶.

5 - Peregrinação (a Meca).

Em alguns estudos, acrescenta-se um sexto pilar, a Jihad, que não deveria ser traduzido para “Guerra Santa” e sim “esforçando-se”, no sentido de difundir a palavra de Alá. Schirmmacher acrescenta que

“O Islã não é apenas um sistema doutrinário teológico, mas um sistema que também reivindica inteiramente para si o leigo sem instrução teológica. O Islã é um ordenamento de vida para a família e a sociedade”. (2017, p. 23)

Dentre este ordenamento – que não é deixado a critério do indivíduo, pois “têm status de lei religiosa cujo descumprimento invalida perante Deus a ação a que correspondem” (Schirmmacher, 2017, p.23), ou seja, não seguir alguma destas prescrições invalida os demais atos – o Islã prescreve regras alimentares, leis que regulam o casamento e a herança, e, acima de tudo, no interesse deste artigo, normas de vestimenta, que são bastante rígidas.

⁴⁶ O Alcorão fala em Zacate, que é uma contribuição religiosa obrigatória a ser usada em várias situações. Acho o termo melhor do que “esmola”, muito usado no sentido cristão.

Capítulo 3

O que o Alcorão – e a Sharia⁴⁷ – dizem sobre o vestir masculino

A 24^a Surata, no versículo 30, diz que homens e mulheres devem recatar os seus olhares e conservar seus pudores, porque Alá sabe o que é dito e o que não é manifestado.

Toda religião tem alguma regra ou regulamento no que se refere à nudez ou a partes do corpo que devem ser mantidas cobertas, e no Islã não seria diferente. O Islamismo trabalha exatamente com o conceito de *awrah*: ele se refere às áreas do corpo que precisam estar cobertas e que diferem entre homens e mulheres, de acordo com a situação em que a pessoa se encontra.

Estudiosos como os responsáveis pelo site New Muslims⁴⁸ interpretam o Alcorão da seguinte forma no que se refere aos trajes masculinos⁴⁹:

1. A parte do corpo desde o umbigo até os joelhos deve ser coberta. (Ver Figura 20)
2. Não deve se parecer com as roupas que são específicas para os não muçulmanos. Roupas ocidentais

⁴⁷ A sharia é o código que rege todos os aspectos da vida de um muçulmano: como ele deve viver e se comportar, assim como os pecados que não deve cometer, sua gravidade e como devem ser punidos. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-63934941>. Acesso em: 2 set. 2024.

⁴⁸ O site New Muslims é um site de e-learning e faz parte de uma estrutura que parece ser bastante grande, para difusão de informações sobre o Islã, entre eles: islamreligion.com. Os mantenedores são a Associação Dawah em Rawdah e a Mulzun Charity Foundation, como citado no site. Assista o vídeo *Dress code for muslim men*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yQms19x1gIg> e *Dress Code? The Qur'an Has It All*, com a Dra Haifaa Younis. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1JxxNL9kCrk>. Acesso em: 24 set. 2024.

⁴⁹ Há quatro escolas distintas que interpretam o Alcorão ao seu modo. As instruções que trago aqui são geralmente aceitas por todos.

que não representem um determinado grupo ou secto normalmente são permitidas.

3. Não deve se parecer com as roupas usadas pelas mulheres.


4. Não pode ser apertada nem transparente.

5. Ao homem não se permite usar roupas feitas de seda, ou joias feitas de ouro.

6. Dois tipos de adornos são proibidos para os homens, mas são permitidos para as mulheres. Eles são ouro e roupas feitas de seda pura⁵⁰.

Figuras 20 e 21 - O awrah masculino, ou as partes do corpo que devem estar sempre cobertas. A figura 20 revela o que pode ser mostrado, mas isso não significa que o muçulmano deva mostrar. A figura 21 mostra a cobertura masculina ideal, o awrah completo a ser utilizado durante as orações, para que as preces não sejam inúteis – nada do corpo pode aparecer.

O AWRAH MASCULINO



Todos os trajés devem esconder o volume das partes íntimas

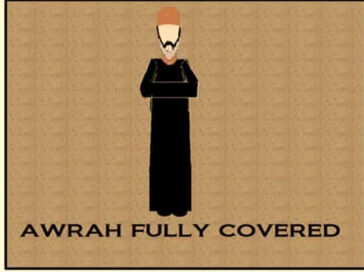
O awrah masculino inclui a área que vai do umbigo até os joelhos

WWW.SCMUSLIM.COM


THE MUSLIM AWRAH

Awrah:

Covering one's awrah in addition to being a prerequisite of salat for a Muslim; which includes the area between the navel and the knees for a man and the entire body, except the face and hands for a woman, it is also a basic requirement for one to be deemed fully dressed.



AWRAH FULLY COVERED



Shorts acima dos joelhos

Buracos nas calças expõem as coxas

Calças estão muito justas

Fonte: Tradução e montagem feita pelo autor⁵¹

50 Disponível em: <https://www.newmuslims.com/pt/lessons/135/o-codigo-de-vestimenta-islamico-parte-1-de-3>. Acesso em: 2 set. 2024.

51 O original está disponível em: <https://www.facebook.com/ajummasreminders/photos/the-fact-that-a-mans-awrah-is-from-the-navel-to-the-knee-does-not-mean-that-it-i/2110291969110150/>. Acesso em: 2 set. 2024.

O homem e a mulher casados podem ficar nus na sua intimidade, revelando suas *awrabs* um para o outro. É uma impossibilidade, no entanto, que um homem exponha sua *awrab* na frente de outro homem – exceção feita a pais e filhos, mas só até o momento em que a criança não possa dizer aos outros o que viu – ou seja, cerca de 3 anos de idade.

Ainda há alguns outros cuidados masculinos, dos quais destaco:

- Não é permitido usar a pele de um animal que tenha morrido de causas naturais, a menos que tenha sido curtida⁵²
- Com relação a usar roupas feitas de lã, pelo de bode e de camelo, esses são puros e permitidos⁵³.
- É sunnah⁵⁴ (da lei) que o Muçulmano comece a se vestir pelo lado direito, e que diga Bismillah (Em nome de Allah), e, ao despir-se, que comece pelo lado esquerdo.
- É sunnah que a pessoa tenha cuidado em manter sua roupa limpa, sem sentir arrogância ou exagerar a respeito disso.
- É mustahabb (recomendável) usar roupas brancas. Foi narrado que Ibn 'Abbas disse: O Mensageiro de Allah (que a paz e as bênçãos de Allah estejam sobre ele) disse: “Usai roupas brancas, pois elas são as melhores dentre vossas roupas, e envolva nelas vossos mortos.”⁵⁵

52 Não é unanimidade entre os estudiosos.

53 Disponível em: <https://islamqa.info/pt/answers/36891/o-codigo-de-vestimenta-masculino>. Acesso em: 3 set. 2024.

54 Sunna, deste modo, é a segunda fonte da lei islâmica após o Alcorão.

55 Disponível em: <https://islamqa.info/pt/answers/36891/o-codigo-de-vestimenta-masculino>. Acesso em: 3 set 2024.

Capítulo 4

O que o Alcorão – e a Sharia – dizem sobre o vestir feminino

As normas estabelecidas para as mulheres são mais rígidas que as dos homens. Se a 24ª surata no versículo 30 já pedia por recato no olhar e conservação dos pudores, o versículo 31 da mesma surata acrescenta:

31. Dize às crentes que recatem os seus olhares, conservem os seus pudores e não mostrem os seus atrativos (cabelos, formato do corpo e roupas interiores), além dos que (normalmente) aparecem (a face, as mãos, as roupas externas, anéis, kohl e henna); que cubram o colo com seus véus (hijabs) e não mostrem os seus atrativos, a não ser aos seus esposos, seus pais, seus sogros, seus filhos, seus enteados, seus irmãos, seus sobrinhos, às mulheres, aos seus escravos isentos das necessidades sexuais, ou às crianças que não discernem a nudez das mulheres; que não agitem os seus pés, para que não chamem a atenção sobre seus atrativos ocultos. Ó crentes, voltai-vos todos, arrependidos, a Allah, a fim de que vos salveis!⁵⁶

Parece simples, mas não é tanto, dado que as leis variam de acordo com a presença de quem está com a mulher. Por exemplo, aqui está uma lista do que uma mulher muçulmana pode vestir “quando em público e entre homens não *mabram* (familiares):

Desde que estas condições sejam cumpridas ela pode usar o que preferir.

- 1.O hijab (cobertura) (Ver Figura 22) deve esconder todo o corpo, exceto o rosto e as mãos.
- 2.Não pode ser transparente ou apertado. Roupas apertadas, mesmo que escondam a cor da pele, ainda

56 A 24ª Surata está disponível em: <https://www.arresala.org.br/alcorao-sagrado/24-2/>. Acesso em: 02 set. 2024.

descrevem o tamanho e a forma do corpo, ou parte dele, e criam imagens vívidas.

3. Não deve chamar atenção do sexo oposto; sendo assim, não pode ser nem extravagante ou excessivamente luxuoso. Joias e maquiagem também não devem estar à vista.

4. Não deve ser uma vestimenta usada por causa de vaidade ou para ganhar popularidade ou fama. As companheiras eram conhecidas por usar preto ou outras cores escuras, mas outras cores são permitidas; a mulher não deve, no entanto, usar roupas coloridas por vaidade.

5. Não deve estar perfumada. Essa proibição é tanto para o corpo quanto para as roupas.

6. Não deve se parecer com as roupas usadas pelos homens.

7. Não deve se parecer com as roupas que são especificamente para os não muçulmanos⁵⁷.

Figura 22 – Variações de cobertura corporal para mulheres islâmicas de diversos países.



*Tradução e montagem feita pelo autor*⁵⁸

57 Disponível em: <https://www.newmuslims.com/pt/lessons/135/o-codigo-de-vestimenta-islamico-parte-1-de-3>. Acesso em: 2 set. 2024.

58 O original está disponível em: <https://www.abc.net.au/news/2024-03-06/house-of-gods-exploring-hijab-islam-muslim-women/103376332#HIJAB>. Acesso em: 2 set. 2024.

Toda a variação da cobertura corporal deve ser adequada para os diferentes momentos da vida da mulher muçulmana: na frente de homens desconhecidos, muçulmanos ou não, como visto; na frente de parentes próximos do sexo masculino; na frente de outras mulheres muçulmanas e ainda há um intenso debate sobre o *awrah* de mulheres muçulmanas na frente de mulheres não muçulmanas, já que estas podem fazer um relato do corpo que viram.

Mas quando se trata de classificar como pecado a exposição do corpo, encontrei até mesmo um gráfico (Figura 23) que pergunta qual o nível da sua cobertura corporal e indica a quem ela é agradável – se a Deus ou a Satã. No Brasil poderia passar como alguma brincadeira (de gosto questionável?), mas não é o caso deste site especializado em moda feminina muçulmana⁵⁹ – do século XXI, o que pode servir como gatilho para se pensar na vida da mulher muçulmana nos séculos XVI ou XVII.

Figura 23 - Agradável a Deus ou a Satã?, pergunta o site de modas islâmicas.



Tradução e montagem feita pelo autor.

Naturalmente, as regras são flexíveis quando se referem a tratamento médico ou a cirurgias.

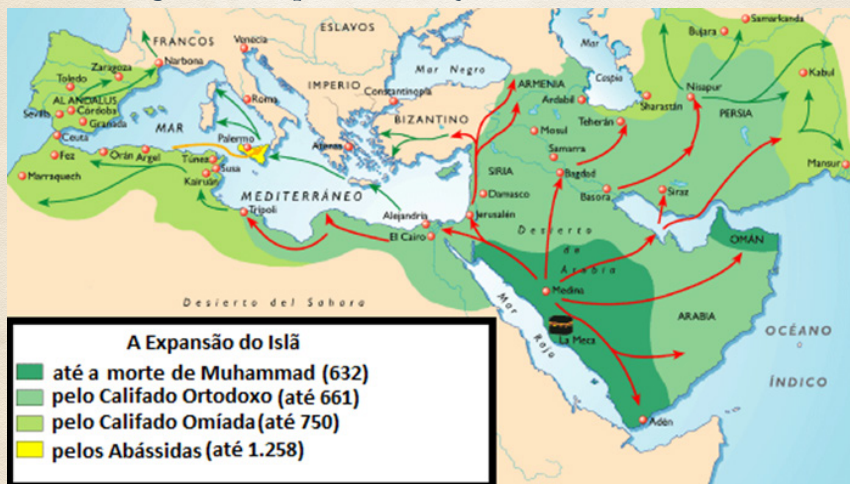
59 A loja é Zaahara.com, estabelecida na Malásia. Acesso em: 2 set 2024.

Capítulo 5

A expansão do Islã para a África e as mudanças nos trajes indígenas

O choque de culturas – árabe e “africana” – era inevitável no longo período em que o Islã foi se expandindo (Figura 24) e atingindo áreas do Norte da África e depois, ao longo dos séculos, as movimentações da jihad muçulmana já dentro do território africano (Figura 25).

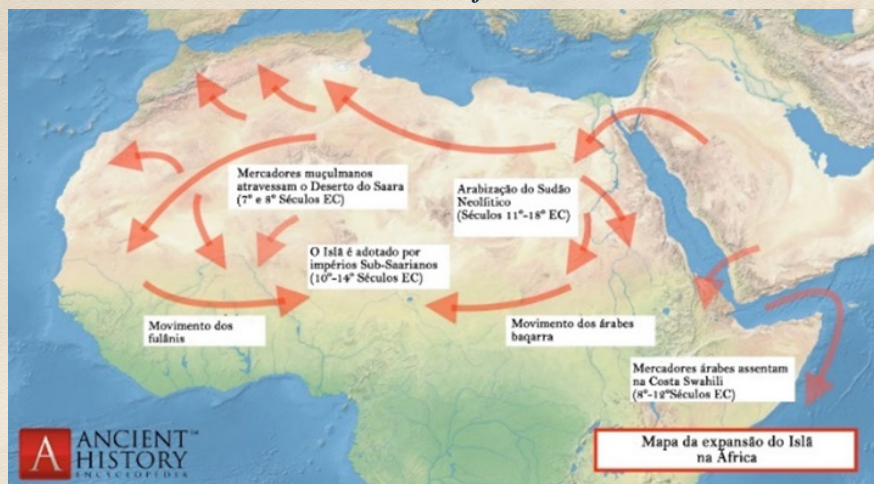
Figura 24 - A expansão dos muçulmanos até o século XIII.



Fonte: Geografia para professores⁶⁰

60 Disponível em: <https://geografiaparaprofessores.wordpress.com/2016/11/03/dica-de-leitura-uma-historia-dos-povos-arabes/>. Acesso em: 2 set 2024.

Figura 25 - A expansão do Islã até o século XVIII, incluindo as movimentações dentro da África.



Fonte: Worldhistory.org ⁶¹ (traduzido e editado pelo autor)

Manuela Carneiro da Cunha, no seu texto *Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível*, diz que

A cultura original de um grupo étnico, na diáspora ou em situações de intenso contato, não se perde ou se funde simplesmente, mas adquire uma nova função, essencial e que se acresce às outras, enquanto se torna *cultura de contraste* (*sic*): este novo princípio que a subtende, a do contraste, determina vários processos. (Cunha, 1987, p.99)

A conhecida antropóloga publicou em 2009 uma nova obra em que abertamente declarou sua aderência à definição de “ideia de cultura” de Lionel Trilling⁶²:

[...] um complexo unitário de pressupostos, modos de pensamento, hábitos e estilos que interagem entre

61 Disponível em: <https://www.worldhistory.org/image/10601/the-spread-of-islam-in-africa>. Acesso em: 2 set 2024.

62 Na obra *Sincerity and Authenticity*, Harvard University Press, 1973. Trilling (1905-1975) foi um respeitado crítico literário norte-americano e professor da Universidade de Columbia.

si, conectados por caminhos secretos e explícitos com os arranjos práticos de uma sociedade, e que, por não aflorarem à consciência, não encontram resistência à sua influência sobre as mentes dos homens. (Cunha, 2009, p.350)

José Arthur Giannotti acrescentaria, em artigo publicado na *Folha de São Paulo*, que a definição de Cultura e “Cultura” (entre aspas) de Cunha seria “um complexo unitário de pressupostos, modos de pensamento, hábitos etc. que, sem resistência, influenciam os humanos, e o modo de se falar desse complexo”⁶³. Deste modo, é inevitável pensar que os trajes, em todas as suas categorias, também estão e são parte desta cultura em que o contato não vai fazer com que eles se percam, mas sim que eles se modifiquem, mantendo sua força e até mesmo sua atuação política durante e depois dos períodos de contato (que não necessariamente são colonizadores – podem ser colonialistas, como propôs Olúfémi Táiwò)

Se já tratamos da proposta vestimentar islâmica, é necessário trazer ao menos uma abordagem do modo vestimentar indígena em uma parte do continente africano. Ben Levitas, no livro *South African Tribal Life Today*, escreveu que

Apesar de parecer que algumas pessoas pertencentes a tribos estiveram nuas durante a maior parte de suas vidas, é necessário parar um pouco para se considerar o conceito de “nudez”, que é claramente um conceito relativo; o que faz uma pessoa se sentir nua não tem o mesmo efeito em outra. Deve-se perceber que como o povo de uma tribo não compartilha as mesmas inibições que os homens ocidentais, a falta de um certo item de vestimenta que é considerada vital por um ocidental não vai fazer a menor falta para uma pessoa de uma tribo, e vice-versa. Por exemplo, a mulher de uma determinada tribo sem seu brinco ou uma fiada de contas pode se sentir mais despida do que se seus seios estiverem completamente expostos. (1987, p.35)

63 Edição do dia 13 de dezembro de 2009. Disponível para assinantes em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1312200913.htm>. Acesso em: 8 set 2024.

Levitas acrescenta com brilhantismo que não é possível entender o traje de uma sociedade pelo seu próprio olhar! “É necessário entender o significado e o valor que o portador do traje, conecta aos seus trajes, ao invés de conservar a sua própria percepção cultural enviesada do traje alheio” (idem).

Três breves exemplos⁶⁴ ilustram como alguns homens de povos da região oeste do continente africano aplicaram as regras do vestir muçulmano em seus trajes: tuaregue (nômade do norte e oeste da África, Figura 26); senegalês (Figura 27) e nigeriano, da etnia iorubá (Figura 28).

Figura 26 – Tuaregue.



Fonte: lookphotos⁶⁵.

⁶⁴ Cada traje citado renderia algumas horas de explicações, de maneira que não vamos detalhar as cores e seus significados, variações de tamanho e formas, comprimento etc.

⁶⁵ Disponível em: <https://www.lookphotos.com/en/images/71367350-Tuareg-man-Animal-market-Agadez-Niger-Africa>. Acesso em: 8 set. 2024.

Figura 27 – Senegalês.



Fonte: Afro-elegance⁶⁶.

Figura 28 – Nigeriano, iorubá.



Fonte: Wikimedia⁶⁷.

66 Disponível em: https://afro-elegance.com/cdn/shop/files/senegal-boubou-804_1200x.webp?v=1702453518. Acesso em: 8 set 2024.

67 Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Agbada#/media/File:A_Yoruba_man_garbed_in_traditional_clothing_\(2\).png](https://en.wikipedia.org/wiki/Agbada#/media/File:A_Yoruba_man_garbed_in_traditional_clothing_(2).png). Acesso em: 8 set 2024.

Os trajes dos tuaregues – “povo do deserto, cujo nome vem do árabe tureg, ‘habitante do deserto’, considerados negros puros” (Lopes; Macedo, 2017, p. 57) possivelmente já receberam influências externas da Grécia, de Roma, do Egito e outras localidades – são (porque ainda existem) nômades e circulam amplamente. Ainda na fase pré-islâmica, receberam influências religiosas dos mesmos já citados e mais tarde dos cristãos (idem, p.58). Adeptos do islamismo desde o século VII (idem, p.59), seu traje (Figura 26), que é basicamente o mesmo das figuras 27 e 28, é o turbante (*tagelmust*, de cinco metros de extensão, de significado profundamente religioso e só retirado para dormir); uma túnica externa chamada *takakat* (leve, de algodão), que pode ser ou não combinada com uma *gandoura*, camisa de manga mais curta, de comprimento médio; uma calça ampla chamada *ekerbey* e, por baixo de tudo, uma camiseta.

No entanto, Lopes e Macedo os colocam entre os povos mais supersticiosos do mundo, apesar de serem islâmicos. O porquê?

Cada um deles (...) está sempre literalmente coberto de amuletos de formas variadas, tidos como detentores do poder de conjurar a má-sorte, afastar espíritos maléficos e proteger seu portador contra doenças e enfeitiçamentos. (...) Além de rezarem para os Santos do Islã, em certas circunstâncias, evocando em voz baixa personagens misteriosos, provavelmente velhas divindades cujo culto permanece vivo, se não aparentes no fundo deles mesmos. (N’Dyaie, 1970, p.31-32 apud Lopes; Macedo; 2017, p. 59)

Essa mistura do islâmico, aliado às tradições mais antigas dos tuaregues, é o que se revela na Figura 29.

Figura 29 - Tuaregues do Níger, no Festival Bianou⁶⁸. Reparar que o tingimento do traje, com tinta indigo, passa para o corpo dos performers, deixando-os azulados.



Fonte: obiettivosulmondo⁶⁹

O traje do senegalês da Figura 27 é um boubou do Senegal, que apesar da sonoridade francesa (a França colonizou o Senegal no século XIX/XX), vem da palavra do idioma uolofe⁷⁰, Mbubbe). O conjunto é composto de três peças – as calças, conhecidas por sòkòtò (do iorubá), uma túnica mais ajustada por baixo e o boubou por cima. As três são geralmente da mesma

68 “O Bianou, segundo a lenda, quer relembrar a acolhida dada pelos habitantes de Medina ao Profeta Maomé. Marca o início do Ano Novo Muçulmano. É um acontecimento muito importante para a população de Agadez e para todos os tuaregues, que se reúnem alegremente em torno dos seus jovens guerreiros ricamente vestidos e adornados”. Disponível em <https://www.obiettivosulmondo.com/la-festa-del-bianou-agadez-niger-2018/#>. Acesso em: 8 set 2024.

69 Disponível em <https://www.obiettivosulmondo.com/la-festa-del-bianou-agadez-niger-2018/#>. Acesso em: 8 set 2024.

70 É uma língua do Senegal, mas também é falada no Mali, na Mauritânia, em Gâmbia etc.

cor e material. As variações de cores, formatos e significados é imensa.

O traje iorubá⁷¹ da Figura 28 é de natureza muito próxima, o agbadá, que é um conjunto de quatro peças: awosoke (o traje externo comprido até abaixo dos joelhos); uma awotele, camisa comprida até abaixo do quadril e com mangas compridas; sòkòtò, a calça e um chapéu chamado filá. Há muitas variações, mas um fato que pude presenciar pessoalmente em Ilé-Ifé, na Nigéria, chama a atenção: atualmente, não são só os muçulmanos que usam a combinação de peças.

71 Ver mais em: <https://steemit.com/fashion/@euguma/nigerian-traditional-attire-1-agbada>. Acesso em: 8 set. 2024.

Capítulo 6

De Agbadá para abadá: trajes circulam, culturas se... contrastam?

Era apenas natural que a sonoridade da palavra *agbadá* remetesse ao nosso abadá de Carnaval, principalmente no grande folguedo que ocupa as ruas – o espaço cênico mais democrático? – da Bahia.

Pedrinho da Rocha é o nome de maior destaque quando se fala em abadá. “Sempre tive dificuldade em explicar minha profissão”, ele diz, acrescentando que “houve época em que eu era o pintor e decorador de trios elétricos, palcos, paredes e o escambau... Mas com o tempo o designer das fantasias, das mortalhas e dos abadás prevaleceu”.⁷² Ele vem trabalhando com Carnaval desde 1977 e a ele muitos creditam – ele mesmo se dá o crédito – a invenção do “nosso” abadá.

Pedrinho explica como transformou o traje tradicional dos blocos de Salvador, a mortalha, em abadá (veja a trajetória do traje na Figura 30) :

(...) Foi o bloco Eva que me proporcionou uma das realizações mais transformadoras, como criador, nessa grande festa baiana: alterar um dos ícones do Carnaval de Salvador: a “mortalha”, espécie de túnica utilizada pelo folião.

(...) Numa reunião posterior com Hunfrey, diretor do bloco, ele me perguntou se eu tinha alguma ideia guardada e de pronto lhe falei sobre encurtar a mortalha. Ele ponderou dizendo que já tinham feito pesquisas com os foliões e eles reagiram negativamente à mudança. Questionou também sobre a parte de baixo, como ficaria, e eu lhe disse que poderíamos utilizar um short para compensar o encurtamento da fantasia. Para minha surpresa, considerando que eu já tinha ofertado a ideia aos blocos Pinel e Beijo, dois clientes tradicionais meus, ele topou na hora⁷³.

⁷² Disponível em: <https://pedrinhodarocha.wordpress.com/about/>. Acesso em: 11 set 2024.

⁷³ Idem.

Figura 30- Uma linha do tempo dos trajes de bloco na Bahia. A legenda da imagem, “A involução da fantasia no Carnaval baiano” é do autor do desenho, não nossa.



Fonte: Pedrinho da Rocha⁷⁴

No mesmo espaço em que explica como criou o abadá, Pedrinho esclarece que o abadá não foi, portanto, uma invenção, mas uma “evolução da antiga mortalha”⁷⁵. Ele se empolga, no entanto, quando explica a origem do nome: “Seu nome foi uma homenagem que quis prestar à capoeira. ‘Abadá’ é uma palavra iorubá para ‘camisa’. É também o nome dado pelos capoeiristas à roupa com que se joga capoeira”⁷⁶.

No *Dicionário Yorubá-Português* do Professor José Beniste, candomblecista, que fundou um curso de língua iorubá em 1982, consta que Agbádá (sic) é uma “vestimenta, toga larga e que pode ser comprida até os joelhos” (Beniste, 2021, p. 53). Busquei também em sites comerciais a definição de “camisa⁷⁷”, mas nenhuma se refere à Agbada como vimos na definição que tem atualmente, o conjunto de quatro peças, ou que teve, como túnica solta e larga.

74 Disponível em: <https://pedrinhodarocho.wordpress.com/category/abadas/page/2/>. Acesso em: 11 set. 2024.

75 Idem.

76 Idem.

77 Além dos sites, pedi ajuda a um colega da Universidade de Obafemi Awolowo, que visitei em abril de 2024. O Prof. Dr. Babatunde Allen Bakare escreveu: Camisa é *seeti*. Sem manga, *seeti ti ko lapa*. De futebol: *seeti ti awon agba boṣolu afẹṣegba n wo*. Xadrez: *seeti ti o ni ila orisirisi*. Polo: *seeti polo*. T-shirt é t-shirt mesmo. Ou *seeti alakowe*.

Waldeloir Rego (dos Santos, 1930-2001), homem negro, ensaísta, escritor, pesquisador de assuntos antropológicos⁷⁸, esclarece sobre o assunto indumentária da capoeira em seu livro de 1968, *Capoeira angola, um ensaio sócio-etnográfico*⁷⁹.

Sendo a capoeira, assim como o capoeira considerados coisas marginais, jamais poderia existir algo que facilmente fosse identificado pela polícia, que dormia e acordava no calcanhar dos capoeiras. O que havia era um enquadramento do capoeira no traje de uma época e num determinado instante de sua atividade, dentro de um agrupamento social.

Fala-se que o capoeira usava uniforme branco, sendo calça de pantalone, ou seja uma calça folgada com boca de sino cobrindo todo o calcanhar; camisa comprida, por cima das calças, **quase que à semelhança de abadá (grifo nosso)**; chagrin⁸⁰ e lenço de esguião⁸¹ de seda envolto no pescoço, cuja finalidade, segundo me falou Mestre Bimba, era evitar navalhada no pescoço, porque a navalha não corta seda pura, de que eram fabricados esses lenços importados. Essa indumentária não era privativa do capoeira, era um traje comum a todo negro que quisesse usá-lo, fosse ou não capoeira. (Rego, 1968, pp.43-44.)

Rego cita ainda que havia grandes capoeiras entre os *ganbadores* (ver Figura 31), figura registrada por Manuel Querino (1851-1923, também homem negro) em seu *A raça africana e os seus costumes*. Segundo Rego,

No Cais do Porto sempre estiveram os mais famosos capoeiras, mas a roupa usual, na sua atividade de trabalho, era calça comum, com bainha arregaçada,

78 Veja em: <https://historiasdopovonegro.wordpress.com/conhecimento/entrevista-com-waldeloir-rego/> uma boa entrevista com ele. Acesso em: 11 set. 2024.

79 Ele questiona que a capoeira seja de Angola. “No caso da capoeira, tudo leva a crer seja uma invenção dos africanos do Brasil, desenvolvida por seus descendentes afro-brasileiros, tendo em vista uma série de fatores colhidos em documentos escritos e sobretudo no convívio e diálogo constante com os capoeiras atuais e antigos que ainda vivem na Bahia, embora, em sua maioria, não pratiquem mais a capoeira, devido à idade avançada”. (Rego, 1968, p.31)

80 Um tipo de babuche de couro, um calçado.

81 Esguião é um tecido fino, no caso, tecido fino de seda.

pés descalços e **camisa tipo abadá (grifo nosso)**, feita de saco de açúcar ou farinha do reino, e nas horas de folga do trabalho assim se divertiam jogando sua capoeira. (Rego, 1968, p.44)

Figura 31- Ganbador africano.



Fonte: Quertno, 1955, p. 110

A camisa da Figura 31, de fato, é muito curta para ser comparada ao abadá muçulmano, já que não cobre todo o *awrah*, mas as calças largas cumprem esta função, não moldando o corpo. E são curtas, sem cobrir o tornozelo, como ordenam algumas autoridades do Islã. A foto foi publicada em 1916, na primeira edição da obra. No entanto, ao se referir aos trabalhadores negros, Nina Rodrigues⁸² disse em obra escrita entre 1890 e 1905, mas só publicada em 1932, que “Os operários negros conservam o hábito de vestes brancas,

82 Nina Rodrigues (1862-1906) é uma figura controversa – embora tenha feitos estudos significativos no ramo da medicina e estudado a cultura negra, era eugenista e declarou a inferioridade do negro.

de grosso tecido, de algodão, calça e camisa justa e curta, que lembra os *camisus nagôs*” (Rodrigues, 2010, p. 128).

A “confusão” ou mistura de palavras do iorubá para o português continua sendo uma constante, ainda mais para uma língua cujo sistema de escrita só foi determinado no século XIX. E transmitida oralmente⁸³...

Camisu oferece também uma boa discussão. Nenhum outro traje poderia ser mais associado às baianas de Carnaval e de terreiro do que esta blusa larga, solta. Em uma zona de conforto, poderíamos dizer que *camisu* vem de... camisa. Ao analisarmos o verbete “CAMISA” no Dicionário do Padre Bluteau de 1712-1728, encontraremos a seguinte explicação:

Outros com mais fundamento derivam Camisa do arábico Camis (**qamīš**, grifo nosso), vocábulo que muitas vezes se acha na versão arábica do Novo Testamento por *xitov*, palavra grega, (que segundo o Léxicon de Scapula), às vezes se toma por *túnica interior*, ou *camis*.⁸⁴

Mas gostaria eu também de trazer mais um dado para esta discussão, que é uma foto (ver Figura 32) feita por um certo Dr. Carvalho Sobrinho em 24 de agosto de 1887 – cerca de 30 anos antes da foto do ganhador com seu “abadá de saco de farinha” – que nada mais é do que algodão, do tipo *negro cloth*⁸⁵ norte-americano. A foto foi oferecida pelo médico Dr. Hermilo Freitas Melro para o autor do livro *Negros muçulmanos nas Alagoas dos malês*, Abelardo Duarte (1900-1992), que a publicou em 1958.

83 O Prof. Dr. Babatunde Allen Bakare me explicou presencialmente que, na África, o idioma iorubá muda tanto que é possível perceber se uma pessoa ficou fora por dez anos, por exemplo, em outro país, e voltou para a Nigéria apenas observando a diferença do uso da linguagem.

84 Bluteau, Rafael. Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico ... : autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos; e oferecido a El Rey de Portugal D. João V. Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesu: Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1712-1728. 8 v; 2 Suplementos. Disponível na Biblioteca Brasileira, bbm.usp.br. Acesso em: 11 set 2024.

85 Um algodão grosso usado especialmente para confeccionar trajes de escravizados.

Figura 32 - Negros Malês Mulçumanos em Penedo, Alagoas em fotografia tirada em 24 de agosto de 1887 pelo Dr. Carvalho Sobrinho.



Fonte: Duarte, 1958.

A imagem revela, como explica Duarte, uma “reunião comemorativa dos Mortos, dos malês⁸⁶” (1958, p. 66). Disse o autor que

86 Lidice Meyer Pinto Ribeiro escreveu que o “Islamismo passou por três fases de implantação nas terras brasileiras:

-Islamismo de escravidão - oriundo do tráfico negreiro de escravos islamizados desde o século XVIII, instalou-se primeiramente na Bahia, progressivamente se espalhando por outras regiões do país;

-Islamismo de imigração- oriundo da imigração de povos árabes no período pós-Primeira Guerra Mundial, iniciando uma comunidade islâmica reconhecida no país;

-Islamismo de conversão- fenômeno do final do século XX, que se inicia com a crescente conversão de brasileiros ao islamismo. (Ver o texto completo na REVISTA USP, São Paulo, n.91, p. 139-152, setembro/novembro, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/29477>. Acesso em: 11 set. 2024.

os dados colhidos *in loco*, inclusive a fotografia citada, datando de 1887, coincidem perfeitamente com as descrições de hábitos e costumes afro-negros observados na Bahia, registrados por Nina Rodrigues e Manuel Quirino a respeito dos malês, em seus trabalhos clássicos. (Duarte, 1958, p.66)

Cleber Maciel, ao nos apresentar o mapa (ver Figura 33) do fluxo do tráfico de escravizados da África para o Brasil, mostrando suas principais rotas, esclarece que:

Durante o século XVI, a maioria dos escravos chegados ao Brasil, entre a Bahia e o Rio de Janeiro era de Sudaneses, embarcados nos portos da Guiné e, por isso, também conhecidos como Negros da Guiné. Entre eles destacavam-se os Fulas e os Mandingas, usados, em geral, como lavradores; os Jalofos, utilizados como trabalhadores nos engenhos de cana-de-açúcar e como ferreiros; os Haussas; os Lorubás, também chamados Nagôs; os Daomeanos; os Bornuse, e os Achantis. Quase todos muçulmanos (*sic*). (Maciel; Oliveira: 2016, p.55).

Figura 33 - Fluxo de escravizados entre a África e o Brasil.



Fonte: Maciel; Oliveira: 2016

Como se vê, é a região geográfica dos trajes que vimos na parte 6 deste texto, e que trata dos trajes que os indígenas da região – tuaregues, (atualmente) senegaleses e iorubás.

De volta à Figura 32, de 1887, dos malês, Duarte analisa os trajes das mulheres para em seguida descrever os trajes masculinos:

Os homens trajam-se à maneira típica dos sudaneses islamizados: quatro deles, a túnica (abadá ou *camisu*) e o gorro (filá); uma das túnicas é listrada (listras verticais) e as três restantes, brancas. As mangas das túnicas (*camisu*) chegam até os punhos. Esses homens eram os sacerdotes do culto (alufás). (Duarte, 1958, p.66)

Duarte descreve que estes homens negros não usavam estes trajes por “deleite”, mas sim por “espírito religioso, como sacerdotes do culto” (idem).

Como se vê, mais uma vez a palavra *camisu* – túnica – pode ter direcionado nosso designer Pedrinho da Rocha na sua escolha. O mundo e a vida, dinâmicos como são, fizeram com que o abadá, enquanto peça de vestuário, passasse a ser:

- A calça branca dos capoeiristas, justa ao corpo para dar maior mobilidade ao corpo e bastante reveladora das formas corporais;
- A camiseta dos brincantes de Carnaval, que muitas vezes revelam bem mais de suas *awrahs* que o Islã apreciaria;
- A bata (*camisu*) das baianas de Carnaval e dos terreiros de candomblé, que herdaram ainda os turbantes, as chinelas e que remontam às tradições africanas que foram combatidas pelos muçulmanos que lá chegaram.

A mim parece que qualquer uma das alternativas faria rolar na cova o Profeta Maomé.

Enfim. Que a paz esteja com ele.

Apontamentos finais

Ao optar por discorrer sobre o tema *África “Pré-Colonial” e “Colonial”*: *choques religiosos e suas influências nos trajes desses períodos*, foi possível analisar de maneira bastante complexa algumas das variantes que interferem em um traje. Da mesma forma, quando o país, ou sua região, é invadido, seja de modo militar, político ou espiritual, seja ainda uma combinação de todos estes temas, pôde-se verificar como esta interferência se reflete no traje.

É curioso como a costura e modelagem dos trajes, em substituição ao amarrar, torcer, sobrepor dos nativos/indígenas, é significativa para identificar os espaços e nações/etnias que sofreram influência direta de outros povos ou países em que sistemas religiosos como o catolicismo e o islamismo estavam fortemente estabelecidos.

A opção pela análise da influência dos trajes islâmicos no Norte da África nos possibilitou entender o quão severo foi/é o processo vestimentar islâmico, mas, acima de tudo, entender que não é o olhar estrangeiro, alheio aos processos locais, que deve determinar *o que, como e quando* se veste – já que muitas vezes nem mesmo o significado destes trajes pode ser percebido por quem não é de determinada comunidade. A sobreposição cultural, apesar de tudo, permitiu que as culturas locais têxteis – documentos históricos, como propôs Ken Kweku Nimo – sobrevivessem de alguma maneira, ainda que como resistência. Vimos também como esta cultura vestimentar muçulmana chegou ao Brasil – e triste deve ter sido a saga de quem, homens e mulheres, com tantas leis regendo suas *awrabs* e suas vidas – foram despojados de seus trajes e enviados nus ao Brasil já nas primeiras viagens dos navios negreiros. Aqui, se estabeleceram como escravizados “de cultura”, um grupo à parte de todos os demais, aos quais não se juntaram. Seus hábitos vestimentares permaneceram de algum modo, mas foram amplamente transformados em outras versões de roupa, com funções distintas das originais, como no candomblé, na capoeira e no Carnaval.

Foi possível trabalhar também o conceito de colonialistas que se aplicou aos africanos, como deseja o professor negro Olúfemi Táíwò. Deste modo, ele retira a África de uma posição de subalternidade mundial e firma seus posicionamentos políticos e humanos.

O período que os *européus* gostam de chamar de *colonial*, que tem seu marco inicial na Conferência de Berlim em 1884-1885 e que, em alguns casos, só terminou em 1975, deixou nos trajes marcas talvez ainda piores e mais graves do que o período que os africanos propuseram como “pré-colonial” e “colonial”.

Ken Kweku Nimo acredita que dentre as muitas armas de dominação, o colonialismo se valeu do trajar como “o mais potente meio de aculturação, na medida em que a moda dos estilos europeus caracterizou as colônias em graus variados” (Nimo, 2022, p. 23). De maneira sutil, os missionários cristãos foram introduzindo novas formas vestimentares – o mesmo processo que nossos indígenas brasileiros passaram / passam – ou de maneira agressiva,

através de agências que impuseram leis locais e políticas perniciosas como a do imperialismo do algodão – um regime que foi imposto para minar a capacidade de produção das indústrias têxteis indígenas e favorecer os têxteis importados. Na África Ocidental, missões cristãs pioneiras como a missão Basel da Suíça, fez com que a adoção de trajes do ocidente fosse um pré-requisito para participação nos serviços cristãos e para a matrícula nas escolas missionárias. (idem)

Nimo destaca ainda que o traje acabou se tornando uma ferramenta de contestação dos regimes políticos colonialistas e seus trajes que ou foram adaptados ou rejeitados. Ele cita como exemplo o Reino de Swaziland (Sul da África) que simplesmente se recusa a cortar e costurar tecidos importados, preferindo sua produção local e couros. A oposição estava e está em pequenos detalhes – por exemplo, usar a camisa *ou* a calça, nunca os dois juntos, para desespero dos “organizados” ingleses. Ou no uso mais contemporâneo

das camisetas e suas mensagens políticas de protesto – quem disse que os africanos não abraçaram a camiseta? Gosto de pensar que tudo no traje é trajetória – nem evolução, nem involução. Percurso. Caminho.

John Gillow (2012), pesquisador de têxteis que percorre o mundo, nos dá o alento necessário para o final desta *jornada textual*. Diz ele que os têxteis africanos indígenas continuarão sendo produzidos porque a resistência venceu – as fricções culturais, a cultura do contraste, como afirmou Manuela Carneiro da Cunha, fez com que dois fatores preservassem a tradição dos têxteis artesanais: (1) as roupas tradicionais ainda são essenciais para as cerimônias de mudança de vida em geral e, especificamente, para os funerais; (2) os tecidos africanos como o bogolanfini do Mali, por exemplo, se tornaram moda no Ocidente, e este mercado não vai parar de consumir por um bom tempo.

Há esperança porque há resistência – eu admiro isso.

Bibliografia

- BENISTE, José. Dicionário iorubá-português. Rio de Janeiro: Bertrand, 2021.
- CHARLES, Arlindo; SÁ, Lucilene de. Cartografia Histórica da África. Texto apresentado no 1º Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica, 2011. Disponível em: https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio/CHARLES_ARLINDO_E_SA_LUCILENE_ANTUNES.pdf. Acesso em: 03 set. 2024.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. Antropologia do Brasil. São Paulo: Brasiliense/EDUSP, 1987.
- CUNHA, Manuela Carneiro do. Cultura com aspas (Coleção Argonautas). Ubu Editora. Edição do Kindle.
- CURTIN, Philip et al. African history from early times to Independence. Essex: Pearson Education Limited, 1995.
- DUARTE, Abelardo. Negros muçulmanos nas Alagoas (os malês). Maceió: Edições Caeté, 1958.
- GILLOW, John. African textiles- colour and creativity across a continent. Londres: Thames and Hudson, 2012.
- JONES, Gareth; PALPHY, Georgina. O livro das religiões. São Paulo: Globo Livros, 2016.
- LEVITAS, Ben. South African Tribal Life Today. Cidade do Cabo: College Press, 1987.
- LOPES, Nei. Bantos, malês e identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
- LOPES, Nei. Enciclopédia brasileira da diáspora africana. São Paulo: Selo Negro Edições, 2004.
- LOPES, Nei; MACEDO, José Rivair. Dicionário da história da África: séculos XVI-XIX. Belo Horizonte; Autêntica, 2017.
- LOPES, Nei; MACEDO, José Rivair. Dicionário da história da África: séculos XVI-XIX volume 2. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

MACIEL, Cleber; OLIVEIRA, Osvaldo Martins de (org.). Negros no Espírito Santo. Vitória (ES): Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016. Disponível em: https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Livros/MioloLivroNegros_FINAL_BAIXA.pdf. Acesso em: 05 set. 2024.

MANTRAN, Robert. A expansão muçulmana: séculos VII-XI São Paulo: Pioneira, 1977.

MARTIN, Richard (editor). Encyclopedia of Islam and the Muslim world. Nova Yorke: Macmillan Reference, 2004.

N'DIAYE, Bokar. Les castes au Mali. Bamako, Mali: Ed. Populaires, 1970.

NIMO, Ken Kweku. Africa in fashion – Luxury, Craft and Textile Heritage. Reino Unido: Hachette, 2022.

OLUPONA, Jacob K.. Religiões africanas: uma brevíssima introdução. Petrópolis: Vozes, 2023.

REGO, Waldeloir. Capoeira Angola - ensaio sócio-etnográfico. Salvador: Editora Itapoan, 1968.

RODRIGUES, Nina. Os africanos no Brasil. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/mm-tct/pdf/rodrigues-9788579820106.pdf>. Acesso em: 11 set 2024.

SCHIRRMACHER, Christine. Entenda o Islã - história, crenças, política, charia e visão sobre o cristianismo. São Paulo: Vida Nova, 2017.

TSUGAMI, Susan Sanae e SANTOS, Luciana. O sagrado está no todo: experiências de praticantes do (Neo)paganismo como possibilidade de encontro holístico do ser. Rev. abordagem gestalt. [online]. 2021, vol.27, n.1, pp.14-24. ISSN 1809-6867.

TYRELL, Barbara. Tribal Peoples of Southern Africa. Cape Town: Books of Africa, 1971.

VARGENS, João B; LOPES, Nei. Islamismo e negritude. Rio de Janeiro: UFRJ, 1982.



Fausto Viana é pesquisador de trajes de cena e professor de cenografia e indumentária na Escola de Comunicações e Artes da USP. É doutor em artes e em museologia e fez pós-doutorado em conservação de trajes e em moda. É autor dos livros *O figurino teatral e as renovações do século XX*; *O traje de cena como documento*; *Para documentar a história da moda: de James Laver às blogueiras fashion*; *Os trajes da igreja católica – um breve manual de conservação têxtil* e um dos organizadores dos livros *Diário dos pesquisadores: traje de cena*; *Traje de cena, traje de folgado*; *Para vestir a cena contemporânea: moldes e moda no Brasil do século XIX*; *Roland Barthes e o traje de cena*, dentre outros.



CCA 2024
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ISBN: 978-85-7205-297-9



9 788572 052979